



Debatendo com Brecht e sua Teoria do Rádio (1927-1932): um diálogo sempre atual sobre o papel social e as potencialidades da radiodifusão¹

Valci Regina Mousquer Zuculoto
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC/Curso de Jornalismo²

Resumo

Entre 1927 e 1932, período em que o rádio vivia recém seu advento como nova tecnologia da comunicação da época, o dramaturgo alemão Bertold Brecht, preocupado com o seu uso e desenvolvimento, elaborou ensaios e sugestões para o veículo, que foram reunidos sob o título “Teoria do Rádio”. Esta “Teoria” permanece a cada dia mais atual e sempre está a provocar um diálogo. Evidencia que Brecht foi um dos primeiros pensadores a perceber o papel estratégico do então novo veículo e em especial, um dos precursores na identificação das imensas potencialidades de comunicação do rádio – tanto as técnicas quanto as que derivam da sua função social. Mais ainda, na sua Teoria do Rádio, Brecht já clamou pelo uso do veículo de forma a proporcionar a democratização da comunicação.

Palavras -chave

Rádio; Radiojornalismo; Comunicação; Informação; Democratização

“As novas antenas continuaram a difundir as velhas asneiras”

(do poema “Os Tempos Modernos” de Brecht)

¹ Trabalho apresentado ao NP 06 –Rádio e Mídia Sonora, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom

² Valci Zuculoto, jornalista graduada pela UFRGS e mestre em Comunicação Social pela PUCRS, é professora assistente do Jornalismo da UFSC, onde coordena os projetos Universidade Aberta e Fazendo Rádio na Escola, a Rádio Ponto UFSC e o Laboratório de Rádio. Também é professora do Programa de Pós-Graduação do Jornalismo da UFSC, nível de especialização, e diretora da Federação Nacional dos Jornalistas e do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo. É uma das autoras dos livros *“Rádio e Pânico – A Guerra dos Mundos 60 anos depois”*, organizado por Eduardo Meditsch, *“Rádio no Brasil, tendências e perspectivas”*, organizado por Nélia del Bianco e Sônia Virginia Moreira, *“Formação Superior em Jornalismo – Uma exigência que interessa à sociedade”*, organizado pela Fenaj, e *“Rádio Brasileiro: episódios e personagens”*, com organização de Magda Cunha e Doris Haussen. valci@cce.ufsc.br



*E se o radinho caísse aqui?
Caísse o radinho perto de você
Diga cidadão, o que fazer com
informações em megatons?
Batia continência com o dial na frequência
Ou, em decibediência,
Insuflava a nação?
Mas atenção para a notícia:
A invasão é pacífica,
A percussão é marítima,
A explosão é sonora,
É munição pós-moderna...*

(Trecho da música “O Radinho”, de César Nascimento)

Ao pensar sobre o rádio, quando este ainda era apenas uma nova tecnologia da comunicação e recém começava a construir suas linguagem e modos de produção, o dramaturgo, poeta e teórico alemão Bertold Brecht já vislumbrava o potencial, características e recursos do meio que só mais tarde se evidenciariam. Brecht fez análises, sugestões e alertas sobre como desenvolver, trabalhar com o então novo veículo em termos de forma, conteúdo e especialmente, para conferir-lhe uma função social, preocupação do dramaturgo que será a principal questão enfocada neste artigo.

Brecht elaborou tais análises e apontou suas preocupações e sugestões sempre focado na idéia de que se deveria transformar o rádio realmente em meio de comunicação e não meramente de transmissão. E que muito mais do que conquistar ouvintes, a radiofonia tivesse efetivamente o que falar para o público.

Elaborados no final da década de 20 e início dos anos 30 – entre 1927 e 1932 -, as análises e apontamentos de Brecht, reunidos em “Teoria do Rádio”, permanecem cada vez mais atuais e sempre estão a provocar um diálogo. Evidenciam que o dramaturgo foi um dos primeiros pensadores a perceber o papel estratégico do então novo veículo e em especial, um dos precursores na identificação das imensas potencialidades de comunicação do rádio – tanto as técnicas quanto as que derivam da sua função social. Mais ainda, na sua “Teoria do Rádio”, o pensador já clamou pelo uso do veículo de forma a proporcionar a democratização da comunicação. Neste caso, mais



especificamente pela democracia nas ondas radiofônicas, através do cumprimento, por parte destas, da sua função social de produzir uma comunicação voltada ao interesse público. Porque se estivesse hoje a analisar o rádio, com certeza Brecht adotaria o entendimento de que é ao interesse público, ao interesse da sociedade através da satisfação de seu direito de ser informada com democracia, pluralidade e ética, que deve estar sujeita a comunicação.

“Desejo vivamente que esta burguesia, além de ter inventado o rádio, invente outra coisa: um invento que torne possível estabelecer de uma vez por todas o que se pode transmitir pela rádio”, diz (BRECHT, in BASSETS, 1981:50) em seu ensaio “ O Rádio: uma descoberta antediluviana”, o primeiro da sua “Teoria do Rádio”.

Mais do que ver em leis, regras, regulamentos e manuais, o que o rádio consegue, pode e deve transmitir, Brecht também se preocupou com a forma e conteúdo com que os responsáveis por fazer rádio iriam se comunicar com seus ouvintes. Ao relacionar, no segundo de seus escritos, “Sugestões aos diretores do rádio”, alertou que *“deveriam tentar fazer do Rádio uma coisa realmente democrática”* (BRECHT, in BASSETS, 1981:50). E para que tal acontecesse, opinava que *“deveriam aproximar-se mais dos acontecimentos reais com os aparelhos e não se limitar à reprodução ou à informação”* (BRECHT, in BASSETS, 1981:51).

O pensador encerra, nesta sua opinião, toda uma conceituação de comunicação que precisa, pela sua já tão evidenciada função social, ir além de simplesmente retransmitir um fato ou veicular uma notícia radiofônica que esteja limitada a um sintético e duro relato de acontecimento. Realmente, se ficar restrito a este tipo de comunicação, o rádio não dará conta do papel social reservado à comunicação, ao jornalismo, porque não basta a estes informar no sentido mais restrito desta palavra.

Há que se informar com pluralidade, com ética, proporcionando o debate do contraditório. Porque somente desta forma, produzirá informação de interesse público, ao qual deve estar sujeita a comunicação. E já naquela época, com um rádio ainda incipiente e sem os cada vez mais avançados recursos de transmissões jornalísticas dos quais o veículo dispõe, hoje, quase cem anos depois, Brecht lançou exemplos do que



veicular no rádio. Exemplos de transmissões que podem fazer parte das programações radiofônicas e, atualmente, até já são em muitas emissoras:

“vocês podem preparar, diante do microfone, em lugar de resenhas mortas, entrevistas reais, nas quais os interrogados têm menos oportunidade de se inventar esmeradas mentiras, como podem fazer para os periódicos. Seria muito interessante organizar disputas entre especialistas eminentes. Poderiam organizar em salas grandes ou pequenas, à vontade, conferências seguidas de debate.”(BRECHT, in BASSETS,1981:51)

Ao analisar os ensaios e notas de Brecht reunidos na Teoria do Rádio, Leão Serva (1997:18) diz que em tais escritos, o dramaturgo *“se mostra de um incrível poder de previsão, fazendo colocações que antecipam o fenômeno das rádios livres”*. Concordando com Serva e indo além, é possível afirmar que o Brecht da Teoria do Rádio não apenas prevê o “boom” das rádios livres nas décadas de 70, 80 e início dos anos 90. Sua Teoria do Rádio, elaborado quando este meio recém dava seus primeiros passos no mundo da comunicação, pode ser transposta para os dias de hoje, fase em que o veículo adquire cada vez mais recursos e potencial com as novas tecnologias. E endossará não apenas as rádios livres. Mas também as emissoras comunitárias e todos que fazem rádio na perspectiva de que mesmo sendo um veículo centenário, este ainda tem muito a construir em termos de linguagem e conteúdo, muito a crescer quanto ao efetivo uso de suas características e recursos; e principalmente, muito caminho ainda a trilhar no sentido de realmente cumprir sua função social.

Assim, os escritos de Brecht hoje igualmente continuam atuais para endossar todos aqueles que se envolvem nos debates e nas iniciativas pela democratização da comunicação como, ainda, de todos os que estudam e pesquisam o rádio reconhecendo e detectando, nele, um papel social e um potencial instrumento à serviço da sociedade. Este último é o caso de Cicília Peruzzo no seu “Comunicação nos Movimentos Populares”.

“A comunicação popular assume os meios técnicos e as formas de produção antes mantidos, mais monopolicamente, nas mãos de uns poucos, devido à estrutura de funcionamento dos veículos massivos neste País. É o caso, por exemplo, do rádio ou do jornal, com relação aos quais ela se



apropria tanto da tecnologia(aparelhagem, processos de impressão) quanto da linguagem (técnicas de programação radiofônica, de redação de notícias, de diagramação).” (PERUZZO, 1998:155)

Ao se ler Peruzzo, é possível concluir que no processo de construção da comunicação popular e/ou de uma comunicação democrática, principalmente a que se tenta implantar através da radiofonia, há efetivas e profundas evidências de sua trajetória segue as linhas traçadas por Brecht sobre como e para que fazer rádio. Também se pode detectar que seus propulsores (radialistas, jornalistas, radiocomunitaristas, enfim todos os interessados em democratizar a comunicação) são impulsionados pelas mesmas preocupações e entendimentos expressos por Brecht na sua Teoria do Rádio. Nos documentos do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação vamos encontrar mais um exemplo destas evidências.

“O Brasil, quarto maior país do mundo em população, quinto maior em área, a décima economia do mundo, precisa, urgentemente, dos meios de comunicação de massa para desenvolver uma cultura nacional, recuperar sua auto-estima, impulsionar sua economia e serviços de interesse público, superar seus desequilíbrios e projetar-se como potência mundial.[...]Os meios de comunicação de massa têm imensas potencialidades mas, em nenhum país do mundo, podem ser considerados sob adequado controle democrático da sociedade. No Brasil, triste exemplo, temos um poder desmedido nas mãos de alguns poucos. Em nenhum país podemos identificar a necessária orientação destes meios por opções conscientes da sociedade”(FNDC,1994:1 e11).

Evidentemente que naquela época Brecht não usava, como faz o FNDC, expressões e conceituações que tratam de definir a relação da sociedade com os meios de comunicação. Porém, nas preocupações de Brecht podem ser detectadas raízes do que hoje se reivindica como colocar a mídia sob o controle público. O FNDC, ao explicar que um dos principais objetivos da sua elaboração de bases a um Programa para a Democratização da Comunicação é a construção do controle público sobre o conjunto dos sistemas de comunicação, defende e esclarece:

“Para se compreender o conceito que se quer constituir é preciso superar o sentido adjetivo e o uso vulgar da palavra controle no senso comum,



seguidamente usada com uma conotação negativa e associada a autoritarismo. Tal como propomos, controle representa uma resposta estratégica ao problema da relação do homem com sua própria essência”(FNDC, 1994:12).

Adiante, na sua elaboração, evidencia ainda mais preocupações semelhantes as de Brecht:

“No que se refere aos sistemas de comunicações, o principal objeto do controle público será o seu conteúdo, a essência do que os meios produzem e veiculam. O controle será exercido para desbloquear a política como o trânsito das essências.[...] Vale ressaltar que o controle público constitui instrumento para o enfrentamento de questões e problemas que não encontram representação e não são acolhidos pelas formas institucionais próprias da era moderna e da tradição republicana. Pretende ser, portanto, uma resposta contemporânea aos problemas da contemporaneidade, como é o caso das determinações dos meios de comunicação sobre a cultura, a política e a economia” (FNDC, 1994:12 e 13).

Sem ainda utilizar e tão pouco aprofundar o conceito de controle público, Brecht, entretanto, já tinha como maior inquietação o uso que se faria do então novo veículo de comunicação. E na sua Teoria do Rádio já defendia, sim, o meio a serviço da sociedade. Isso se evidencia especialmente pela sua preocupação com o conteúdo da programação radiofônica, expressa após ele dizer desejar que a burguesia, além de inventar o rádio, também inventasse o que transmitir através do veículo:

“Gerações posteriores teriam, então, a oportunidade de ver assombradas como uma casta, ao mesmo tempo tornando possível dizer a todo o globo terrestre o que tinha que dizer e fazendo possível, também, que o globo terrestre visse que nada tinha a dizer. Um homem que tem algo a dizer e não encontra ouvintes, está em má situação. Mas estão em pior situação ainda os ouvintes que não encontram quem tenha algo para lhes dizer” (BRECHT, in BASSETS, 1981:50).

E assim como Brecht no início do século passado, mais recentemente, além das rádios livres, também as rádios comunitárias brasileiras começaram a construir sua história a partir de preocupações e entendimentos que senão podem ser classificados



como fiéis seguidores do pensamento do dramaturgo, ao menos explicitam que têm muitas identidades e consensos. Peruzzo, ao definir as principais características de uma emissora comunitária, diz que é aquela com programação que tem vinculação orgânica com a realidade local, “*tratando de seus problemas, suas comemorações, suas necessidades, seus interesses e sua cultura*” (PERUZZO, 1998:257). Mais ainda, diz que se trata de rádio que tem participação direta da comunidade na sua gestão e que “*democratiza o poder de comunicar*”(PERUZZO, 1998:258).

Esses são apenas alguns exemplos do quanto, em todos os momentos mais recentes da história do rádio no Brasil, podemos encontrar ecos do que Brecht pensou para o veículo quando este ainda ensaiava seus primeiros passos. Mesmo e principalmente na atualidade, fase em que vivemos a chamada “Era da Informação” e na qual, muito em função do impacto das novas tecnologias da comunicação, a radiodifusão ganha mais suportes, recursos e avança no desenvolvimento de suas características e ampliação das suas potencialidades.

Na contemporaneidade, aliás, os ecos de Brecht ressoam com volume bem mais alto. Afinal, cada vez mais o rádio evidencia que não pode ficar relegado a um mero veículo de transmissão. O rádio tem, hoje, a possibilidade sempre maior de ser meio de expressão, se explorar e adaptar seus recursos técnicos, de linguagem e de conteúdo às novas tecnologias e aos novos tempos da humanidade.

O rádio continua a ter potencial para ser o veículo mais popular e de maior alcance de público. E permanece sendo o de maior imediatismo, instantaneidade de transmissão.

Num dos seus ensaios que compõem a “Teoria do Rádio”, intitulado “O Rádio como aparelho de comunicação”, Brecht ousou sonhar com um uso verdadeiramente revolucionário para o meio. E propôs mudar o seu funcionamento :

“é preciso transformar o rádio, convertê-lo de aparelho de distribuição em aparelho de comunicação. O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, um fantástico sistema de canalização. Isto é, seria se não somente fosse capaz de emitir, como também de receber;



portanto, se conseguisse não apenas se fazer escutar pelo ouvinte, mas também pôr-se em comunicação com ele. A radiodifusão deveria, conseqüentemente, afastar-se dos que a abastecem e constituir os radiouvintes como abastecedoros. Portanto, todos os esforços da radiodifusão em realmente conferir, aos assuntos públicos, o caráter de coisa pública são totalmente positivos” (BRECHT, in BASSETS, 1981:56 e 57)

Ou seja, ao defender que o público também fale, efetivamente, que não fique isolado, mas relacionado (BRECHT, in STRAUSS, 1993:15), o dramaturgo alemão já na época em que elaborou seus ensaios, pensou a comunicação com democracia, produzida de forma circular e não apenas linear – no caso do rádio com o ouvinte não apenas recebendo informação, mas também interferindo e com possibilidade de acesso à decisão do que precisa e deve ser transmitido.

A programação radiofônica deve ter esta concepção diferenciada de comunicação. Precisa ser circular, ter a participação da sociedade. E não me refiro aqui apenas a interatividade, porque o falar que prega Brecht não é simplesmente colocar a opinião do ouvinte, dar voz ao público através da permissão de uso do microfone. É, isto sim, submeter a comunicação ao controle público, construir um rádio que realmente transmita os anseios, interesses, necessidades da sociedade no qual está inserido.

Uma comunicação democrática significa que a sociedade, na sua pluralidade, na sua diversidade, realmente se expressa pelas ondas do rádio, pelo rádio na internet, pelo rádio transmitido via celular.

Brecht, que principalmente em relação ao rádio nunca foi tão atual, é constantemente chamado de utópico por defender tal concepção de radiodifusão. E a resposta que ele próprio deu, naquela época, deve ser encarada como um desafio pelo rádio. Disse Brecht: “*se consideram que isso é utópico, eu lhes peço que reflitam sobre o porquê de ser utópico*” (BRECHT, in BASSETS, 1981:57).

Os que acreditam que a comunicação produzida e transmitida pelo rádio ou qualquer outro dos meios midiáticos deve ser circular e não linear, lêem Brecht não como uma “utopia”, mas como algo que se pode construir.



Fernando Peixoto, por exemplo, em ensaio do livro “Introdução à Peça Radiofônica”, de George Sperber(1980), alertou:

“Vivemos num país colonizado e dependente. Estamos inseridos num esforço de libertação. O Rádio é uma arma. As palavras de Brecht voltam como desafio/acusação: temos diante de nós um instrumento capaz de falar. É claro que sabemos que ele está nas mãos daqueles que, em benefício de sua classe, preferem-no como instrumento de silêncio ou de mentira. Mas saberemos ou não conquistá-lo e fazê-lo falar? Ou não teremos nada a dizer?” (PEIXOTO, in SPERBER, 1980:10).

Referências Bibliográficas

BALSEBRE, Armand. *El lenguaje radiofónico*. Madrid, Ediciones Cátedra, 1994.

BRECHT, Bertold. *Teoría de la Radio(1927-1932)*. In.: BASSETS, Lluís(ed.). *De las ondas rojas a las radios libres. Textos para la historia de la radio*. Barcelona, Gustavo Gili, 1981.

_____. *The Radio as an Apparatus of Communication*.

In.: STRAUSS, Neil (org.). *Radiotext(e)*. New York, Semiotext(e), 1993.

FNDC. *Bases de um Programa para a Democratização da Comunicação no Brasil – Propostas de caminhos e atitudes para transformações revolucionárias na esfera pública do país*. Extraído do site do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação em www.fndc.org.br

Fundação Cultural Piratini – Rádio e Televisão. *No ar um projeto em construção: uma contribuição à memória TVE e FM Cultura*. Fundação Cultural Piratini – Rádio e Televisão, Porto Alegre, 2002.

MEDITSCH, Eduardo. *O Rádio na Era da Informação – Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo*. Florianópolis, Editora Insular, Editora da UFSC, 2001.

_____. *Sete meias-verdades e um lam entável engano que prejudicam o entendimento da linguagem do radiojornalismo na era eletrônica*. Palestra à Licenciatura em Jornalismo da Universidade de Coimbra, 9 de novembro de 1995.



PEIXOTO, Fernando. *Descobrimo o que já estava descoberto*. In.:

SPERBER, George (org.). *Introdução à peça radiofônica*. São Paulo, EPU, 1980.

PERUZZO, Cícilia Krohling. *Comunicação nos Movimentos Populares: a participação na construção da cidadania*. Rio de Janeiro, Vozes, 1998.

SERVA, Leão. *BABEL: A mídia antes do dilúvio e nos últimos tempos*. São Paulo, Mandarim, 1997.